

China

Gigante também na agricultura¹

Eliana Valéria Covolan Figueiredo²
Elisio Contini³

Resumo – O presente artigo identifica as principais forças motrizes da demanda por produtos agrícolas por parte da China: crescimento populacional e elevação da renda. Aponta ainda os principais produtos agrícolas daquele país, em culturas e em produção animal, e sua espetacular evolução de 2002 a 2011. Merece destaque a análise das exportações agrícolas brasileiras e sua participação naquele mercado. Analisa-se com certo ineditismo a estrutura tarifária da China, no comércio com outros países, incluindo o Brasil. Em virtude de sua importância, alguns produtos são destacados, como o complexo soja (grão, óleo e farelo), milho, algodão, suco de laranja e carnes (carne bovina, suína e de aves). A conclusão geral é de que o mercado da China para produtos do agronegócio brasileiro é estratégico e vital para o aumento da produção de grãos e de carnes do Brasil. É de grande relevância acompanhar a evolução da produção e consumo de produtos agrícolas na China e aproveitar essas oportunidades de negócios.

Palavras-chave: agronegócio, Brasil, exportação.

China: a giant also in agriculture

Abstract – This article identifies the main driving forces of the demand for agricultural products in China: population growth and income growth. It also points out China's main agricultural products, considering crops and livestock, and the remarkable development in production from 2002 to 2011. Emphasis is given to the analysis of Brazilian agricultural exports and its market share in China. With some originality, this study analyzes the Chinese tariff structure regarding trade with other countries, including Brazil. This analysis highlighted some products, like soybean complex (grain, oil and meal), corn, cotton, orange juice, and meat (beef, pork and poultry), due to their great importance. The general conclusion is that China's market for Brazilian agribusiness products is vital and strategic for increasing grain and meat production in Brazil. It is of great relevance to examine the development of production and consumption of agricultural products in China and to take advantage of these business opportunities.

Keywords: agribusiness, Brazil, export.

¹ Original recebido em 20/12/2012 e aprovado em 15/1/2013.

² Economista, Doutora em Agronomia pela Unesp, pesquisadora da Embrapa. E-mail: eliana.figueiredo@embrapa.br

³ Doutor em Regionale Planung pela Universidade de Muenster, pesquisador da Embrapa. E-mail: elisio.contini@embrapa.br

Introdução

A China é superlativa em oportunidades e desafios. Entre as oportunidades, destacam-se: i) extenso território de 9,6 milhões de km², o segundo maior do mundo; ii) potencial mercado consumidor de 1,3 bilhão de habitantes, com tendência a leve crescimento nos próximos anos; iii) crescimento econômico médio superior a 10% ao ano nos últimos 10 anos; e iv) estratégia de desenvolvimento pautada por indústrias intensivas em mão de obra, com exportações para o mundo inteiro, tornando-se a “fábrica do mundo”. Quanto a desafios para a China, o principal é a necessidade de alimentar essa enorme população, com produção interna e importações crescentes; em segundo lugar vem o desafio de utilizar os escassos recursos naturais de que os chineses dispõem, de forma mais racional e em equilíbrio com o meio ambiente.

Pelas oportunidades que oferece, uma aproximação comercial com a China é desejável para qualquer país e sem dúvida também para o Brasil. Em primeiro lugar, pela possibilidade de concretizar negócios via exportações de produtos do agronegócio brasileiro para o crescente mercado chinês; em segundo lugar, pelo não menos importante ponto de vista do consumidor, pois, em tese, ao serem importados produtos industriais chineses mais baratos, aumenta-se o poder de compra dos salários e, consequentemente, o bem-estar do consumidor brasileiro. No entanto, há controvérsias com relação a esse último aspecto, já que a indústria brasileira vem se ressentindo da competição chinesa em vários segmentos, o que tem levado ao grande número de processos e aplicações de direito *antidumping* contra produtos chineses. Em novembro de 2011, das 89 medidas *antidumping* em vigor, 32 referiam-se a produtos vindos da China.

Neste trabalho são apresentados os principais indicadores econômicos, sociais e demográficos da China, tendo sido avaliadas ainda a produção agrícola e a demanda por alimentos, e seus reflexos no mercado agrícola mundial. Consideraram-se o crescimento populacional e mudanças na estrutura da sociedade chinesa,

como redução da população rural e aumento da renda per capita, resultando em mudanças no padrão de consumo de alimentos. Os produtos focados são: milho, soja, trigo, arroz, açúcar, carne bovina, suína e de frango, além do leite em pó e algodão. Os dados apresentados referem-se aos últimos dez anos, período de maior impacto da economia chinesa no mercado internacional, principalmente para as exportações do agronegócio para aquele país.

Analisou-se também a participação brasileira recente no mercado chinês e seu potencial de crescimento para os próximos anos, com base nos seguintes critérios: i) *market share* do Brasil no mercado agrícola da China – geral e para os produtos de maior importância na pauta exportadora brasileira, e os cinco principais competidores no mercado chinês para esses produtos; ii) evolução das exportações brasileiras agrícolas para a China nos últimos dez anos – análise por produto; iii) estrutura tarifária da China e tarifas dos produtos em questão; iv) tendências de mudanças no padrão das exportações brasileiras para a China, mercado potencial e novos hábitos de consumo chineses; e v) fatores limitantes: tarifas, acordos sanitários e acordos de livre comércio firmados pela China com terceiros países.

Informações socioeconômicas básicas

Neste item foram analisadas duas variáveis básicas no comportamento recente da China: população e renda. O crescimento econômico acelerado, nos últimos anos, tem-se tornado a principal força motriz no relacionamento comercial com outros países. Tanto população como renda impactam as exportações do agronegócio brasileiro.

Aspectos populacionais

A população da China atingiu, em 2011, 1,343 bilhão de pessoas, representando um quinto da população mundial. Mesmo com a taxa de crescimento tendo caído de 0,67% em 2002 para 0,48% em 2011, sendo esta bastante

inferior à da população mundial, de 1,14% a.a., a população chinesa aumenta em mais de seis milhões de pessoas por ano. De 2001 a 2010, a população aumentou em 73,9 milhões (+5,8%), o que representa “uma Turquia” (Figura 1).

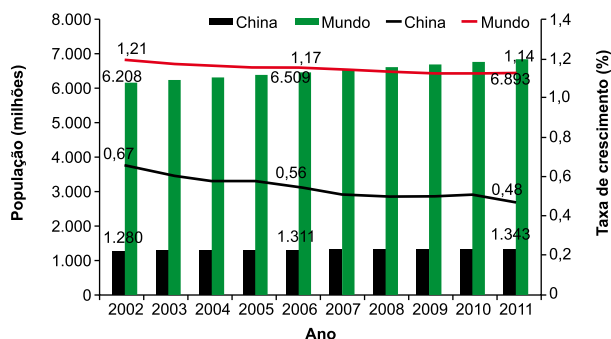


Figura 1. População total (em milhões) e taxas anuais de crescimento (em %) no mundo e na China.

Fonte: The World Bank (2012).

Segundo dados do Banco Mundial (THE WORLD BANK, 2012), a densidade demográfica na China era de 143 hab. km⁻² em 2010, e a expectativa de vida situava-se ao redor de 73 anos, com leve tendência a aumento. Já a taxa de mortalidade infantil reduziu-se consideravelmente nos últimos anos, tendo passado de 31,2 por mil em 2001 para 18,4 por mil em 2010. A taxa de fertilidade (nascimentos/mulher) também vem decrescendo, situando-se em 1,55 em 2010 (181º lugar no ranking mundial).

Outro fato relevante, que vem provocando mudanças significativas na sociedade chinesa, refere-se à população rural, a qual vem decrescendo ano a ano, tendo sua participação no total caído de 62% em 2002 para 53% em 2011 (THE WORLD BANK, 2012). Quando analisados os números absolutos, ressalta-se que apenas em 2010 a população rural perdeu para o meio urbano cerca de oito milhões de chineses. A urbanização avança a taxas anuais superiores a 2,5% ao ano (foi de 3,3% em 2001), o que representa mais de 15 milhões de novos cidadãos a cada ano. Para dar melhor condição ao homem do campo como forma de conter parte do

êxodo rural, estudo da OCDE (2012) aponta para a necessidade de aumento no investimento em infraestrutura para a população rural e melhora no acesso aos serviços básicos de educação e saúde.

Previsões do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU (2010) estimam que a população da China deverá estabilizar-se em torno de 1,4 bilhão de pessoas em 2020 e, a partir daí, começará a decrescer. Dados apontam para uma população urbana superior à rural já nos próximos anos. A migração rural-urbana deverá continuar, mesmo com possível controle do governo central, tornando-se a China um país de civilização urbana, repetindo o que ocorreu no passado com outros países desenvolvidos e vem acontecendo com emergentes, como o Brasil. Fica a questão da rapidez desse processo dependente, em grande parte, da evolução da economia nacional e da mundial, pela dependência das exportações industriais da China.

Aspectos econômicos

Antes da proclamação da República Popular da China por Mao Tse-tung em 1949, grande parte da população chinesa estava abaixo da linha de pobreza, com renda per capita anual ao redor de 50 dólares americanos. De 1949 a 1978, com a economia planificada, adotada por Mao, observou-se um crescimento da renda, ainda de forma modesta. Após a morte de Mao, em 1978, e as reformas iniciadas por seu sucessor, Deng Xiaoping, a renda per capita anual passou a crescer a taxas elevadas, tendo atingido cerca de 2.500 dólares em 2010. Desde 1949 observou-se uma grande transformação na sociedade chinesa, com a diminuição da fome e importante melhoria das condições de saúde e educação. Observa-se que, embora o crescimento da renda tenha sido desigual, houve crescimento econômico para a maioria da população, e as reformas pós-1978 tiraram de 200 a 300 milhões de pessoas da pobreza (THE WORLD BANK, 2012; THOMAS, 2006).

Nos últimos 10 anos, a taxa média anual de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) foi ao redor de 10%, tornando-se, em 2010, a segunda maior do mundo, com US\$ 5,927 trilhões (valores correntes), apenas atrás dos Estados Unidos (THE WORLD BANK, 2012). Em virtude do tamanho da população, a renda per capita anual ainda é baixa: US\$ 4.429 em valores correntes em 2010. Todavia, para que seja possível comparar o nível de renda de economias distintas, utiliza-se o PIB em Paridade do Poder de Compra (PPP). Nesse caso observou-se um crescimento vertiginoso de 137% no PIB chinês (PIB-PPP em valores constantes de 2005) de 2001 a 2010, se comparado aos 27% do crescimento do PIB brasileiro no mesmo período (Figura 2).

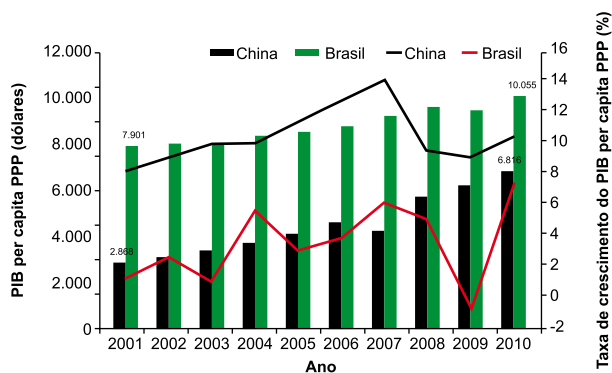


Figura 2. PIB per capita PPP (paridade do poder de compra, em dólares) e taxa de crescimento do PIB, no Brasil e na China, de 2001 a 2010.

Fonte: The World Bank (2012).

Quanto ao comércio internacional, China e Estados Unidos ocupam hoje os dois primeiros postos como exportadores e importadores mundiais. A China é o maior exportador, seguida dos EUA, e os EUA são os maiores importadores, seguidos da China. Mas enquanto a China apresenta superávits na balança comercial ano após ano, os EUA acumulam déficits. O superávit chinês em 2011 foi de cerca de US\$ 155 bilhões, com uma pauta exportadora voltada basicamente para os produtos industrializados, enquanto o déficit norte-americano no mesmo ano foi de,

aproximadamente, US\$ 800 bilhões (CIA, 2012). Esses superávits constantes têm elevado substancialmente as reservas internacionais da China, que em 2011 apontavam para US\$ 3,2 trilhões de dólares, ocupando o primeiro lugar mundial, seguida do Japão, com cerca de US\$ 1 trilhão. O Brasil aparece em 6º, com US\$ 360 bilhões, e os EUA em 19º, com US\$ 132 bilhões.

Além do crescimento do PIB per capita, da redução na taxa de mortalidade infantil e do aumento da expectativa de vida, outros indicadores também apontam para uma melhoria da qualidade de vida dos chineses na última década, como o aumento do consumo per capita de energia elétrica: de 1.184 kWh em 2002 para 3.490 kWh em 2011, crescimento em parte explicado pelo aumento da população urbana em cerca de 120 milhões de pessoas – a população rural passou de 62% em 2002 para 53% em 2011 (THE WORLD BANK, 2012). Essas mudanças estruturais, associadas ao aumento da renda, têm contribuído para o incremento da demanda por alimentos – crescimento de 28,2% no consumo doméstico das principais commodities de 2002 a 2011 (USDA, 2012).

A análise setorial do PIB mostra a importância da indústria no peso da economia chinesa. Em 2001, a indústria representava 45,15% do PIB, e em 2010 passou para 46,8%; o setor de serviços cresceu de 40,06% para 43,1%; e a participação da agricultura decresceu de 14,79% para 10,1%, uma diminuição de 4,69% em 10 anos. Esse alto peso da indústria na composição do PIB chinês difere do de outros países emergentes como Brasil e Rússia, nos quais o maior peso vai para o setor de serviços (67% e 59%, respectivamente), índices esses mais próximos daqueles dos países desenvolvidos – por exemplo, da Alemanha, com 71% (CIA, 2012).

Produção agrícola da China

Dado o tamanho da população chinesa e a elevação da renda observada nos últimos anos, a segurança alimentar é uma das grandes prioridades do governo daquele país. A China tem

buscado incrementar a sua produção agrícola, mantendo alto grau de autossuficiência (acima de 95%), tendo aumentado o apoio interno à sua agricultura, na última década, concedendo subsídios de 3,01% do PIB agrícola em 2010, contra 1,55% em 1997 (OCDE, 2012). Além disso, impôs restrições às exportações, baixou tarifas e buscou nas importações o fechamento da conta. Nos últimos anos, o país passou a buscar no exterior parte de sua segurança alimentar para o futuro, por meio de acordos comerciais, da compra de terras em outros países, ou mesmo do aumento do investimento em empresas transnacionais do agronegócio (LONDON, 2011; OMC, 2012).

Produção de grãos e oleaginosas

Nos últimos 10 anos, a produção chinesa de grãos e oleaginosas cresceu 32,8%, a produtividade, 18,7%, e a área agricultável, 9,3%, tendo a produção atingido em 2011 514 milhões de toneladas (Figura 3). A incorporação de área foi relativamente pequena, dando sinais de esgotamento desse recurso natural, enquanto a produtividade cresceu o dobro do valor acrescido da área, indicando maior eficiência produtiva.

A evolução da produção para os principais produtos, de 2002 a 2011, encontra-se na Tabela 1. O milho é o produto com maior volume

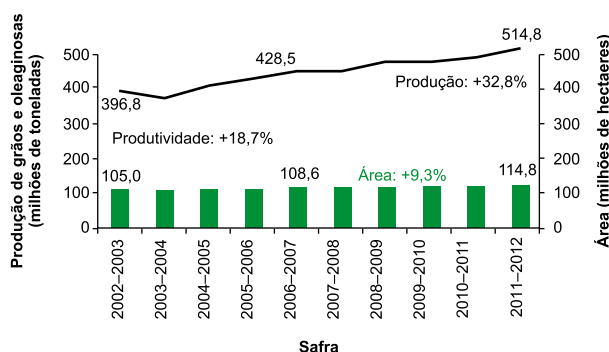


Figura 3. Evolução da safra de grãos e oleaginosas (produção em milhões de toneladas, e área em milhões de hectares) na China.

Dados: a) grãos – trigo, milho, arroz, aveia, centeio, cevada, sorgo e outros cereais; b) oleaginosas – soja, amendoim, girassol e outras oleaginosas.

Fonte: USDA (2012).

de produção, tendo atingido 191,8 milhões de toneladas em 2011, um crescimento no período de 58,1%, indicando sua importância como insumo para rações animais. A produção chinesa de milho atendia, até recentemente, ao mercado interno. Notícias recentes (SIYU, 2012) informam que o país está iniciando um período de importações também de milho, uma oportunidade para o Brasil.

O segundo produto com maior volume é o arroz, com 140,5 milhões de toneladas em 2011, crescimento de 15,0% no período, com a produção acompanhando o crescimento populacional, já que, também na China, é um produto de baixa elasticidade-renda (GALE; HUANG, 2007). A produção de outro alimento básico, o trigo, aumentou em 36,6%, tendo atingido em 2011 117,9 milhões de toneladas. A soja teve um decréscimo em produção de -8,2% no período (13,5 milhões de toneladas), explicado pela queda na área plantada de 8,7 milhões de hectares em 2002 para 7,7 milhões em 2011. A produtividade de soja na China é relativamente baixa, de 1,8 t ha⁻¹, se comparada com a norte-americana e a brasileira, perto de 3 t ha⁻¹ nas últimas safras (Tabela 2).

Outro ponto a analisar-se é o posicionamento da produção da China em comparação com a produção mundial. Considerando-se a produção de 2011–2012, dos cinco principais produtos, a China ocupa a primeira posição para arroz e algodão, e a segunda para milho (apenas atrás dos Estados Unidos), e trigo (depois da União Europeia). A China, comparada ao mundo, detinha 30% da produção de arroz, 17% da produção de trigo, 27% da produção de algodão, 22% da produção de milho e 6% da produção de soja. Somente para arroz, a China detinha maior percentual de produção em relação à mundial, do que o de sua população em relação à mundial (Tabela 2).

Produtos de origem animal

Para a produção de origem animal são destacadas as três principais carnes (bovina, suína e de frango) e o leite. Dados do USDA (2012)

Tabela 1. Evolução da produção de grãos e oleaginosas de 2002–2003 a 2011–2012 (em milhões de toneladas) na China.

Produto	2002–2003	2003–2004	2004–2005	2005–2006	2006–2007	2007–2008	2008–2009	2009–2010	2010–2011	2011–2012
Milho	121,3	115,8	130,3	139,4	151,6	152,3	165,9	164,0	177,2	191,8
Soja	16,5	15,4	17,4	16,4	15,1	13,4	15,5	15,0	15,1	13,5
Trigo	90,3	86,5	92,0	97,4	108,5	109,3	112,5	115,1	115,2	117,9
Arroz	122,2	112,5	125,4	126,4	127,2	130,2	134,3	136,6	137,0	140,5
Outros cereais	9,3	8,2	8,0	8,4	7,5	6,6	6,5	5,6	6,3	7,0
Outras oleaginosas	37,2	35,9	40,9	40,4	39,3	39,4	42,6	42,9	42,6	44,1
Total	396,8	374,3	413,9	428,5	449,1	451,1	477,3	479,1	493,4	514,8

Fonte: USDA (2012).

Tabela 2. Posicionamento da China na produção de produtos selecionados em 2011–2012.

Produto	Posição no mundo	Produção (milhões de t)	% da produção mundial	Área (milhões de ha)	Produtividade (t/ha)
Soja	4ª	13,5	6	7,7	1,8
Milho	2ª	191,8	22	33,4	5,7
Arroz	1ª	140,5	30	30,0	4,7
Trigo	2ª	117,9	17	24,2	4,9
Algodão	1ª	7,29	27	5,5	1,3
Açúcar	4ª	11,2	7	-	-

Fonte: USDA (2012).

para 2011–2012 indicam que a China é a maior produtora de carne suína, com 49,50 milhões de toneladas (56% da produção mundial); e a segunda na produção de frangos, com 13,2 milhões de toneladas (16% da produção mundial, atrás dos Estados Unidos, que produziu 16,7 milhões de toneladas) e com pequena margem sobre o Brasil (12,9 milhões de toneladas). Nos últimos 10 anos (2002–2003 a 2011–2012), a produção de carne suína cresceu 20,1%, e a de frango, 37,5%. Esse crescimento é derivado da elevada elasticidade-renda dessas carnes e do crescimento da renda

disponível dos chineses, particularmente da classe média (BAI et al., 2012).

Para a carne bovina, a China é o quinto maior produtor, com 5,55 milhões de toneladas, sendo o primeiro os Estados Unidos, com 12,0 milhões de toneladas, e estando em segundo lugar o Brasil, com 9,03 milhões de toneladas. O aumento na produção de carne bovina, nos últimos 10 anos, foi de apenas 6,3%. Já a produção chinesa de leite fluído, em 10 anos, mais que dobrou, tendo passado de 14 milhões de toneladas para 32 bilhões (+185,7%). Mesmo com esse

progresso, o país é apenas o 4º maior produtor mundial, produzindo o equivalente a 22,6% do produzido pelo maior produtor, a União Europeia, com 141,8 milhões de toneladas, e 6% em relação à produção mundial. Para leite em pó, passou a ocupar o 1º lugar em 2011–2012, com 1,1 milhão de toneladas, e uma participação na produção mundial de 26%. A produção de leite fluido representa apenas 6% da produção mundial, ou seja, 32 milhões de toneladas, mesmo nível que o Brasil.

Consumo da China por produtos agrícolas

O consumo de alimentos e de outros produtos agrícolas de um dado país é igual à produção interna, somadas as importações e subtraídas as exportações, e, de um ano para outro, retiram-se ou adicionam-se os estoques. Os valores de consumo agregado chinês dos principais grãos e carnes relativos a 2002 e 2011, e as variações no período em percentuais encontram-se na Tabela 3. Como a população chinesa cresceu abaixo de 6% nesse período, conclui-se que na maioria dos produtos a disponibilidade per capita cresceu fortemente. Os dois produtos com maior crescimento foram o leite em pó, com crescimento do consumo de 133%, e a soja, com 98,6%; milho e açúcar tiveram um crescimento próximo de 50%.

Para a proteína animal, o destaque foi o consumo de carne de frango, com 36,2%, enquanto para as demais carnes o aumento foi ao redor de 20%. Principalmente para a carne suína (+21,4%), esse crescimento é considerável, uma vez que o ponto de partida é elevado, atingindo um consumo de quase 50 milhões de toneladas em 2011. Isso representa quase a metade do consumo mundial de carne suína. Esses dados são consistentes com os de outros estudos (ABLER, 2010; GALE; HUANG, 2007), indicando que carnes têm alta elasticidade-renda da demanda, enquanto o arroz tem elasticidade-renda negativa, isto é, com o crescimento da renda as

pessoas passam a consumir menos arroz e mais outros produtos, como carnes (Tabela 3).

Tabela 3. Consumo doméstico de produtos selecionados (em milhões de toneladas) na China.

Produto	2002	2011	Variação (%)
Milho	125,9	188,0	49,3
Arroz	135,7	139,0	2,4
Trigo	105,0	118,0	12,4
Soja	35,3	70,1	98,6
Carne suína	41,0	49,8	21,4
Carne bovina	6,5	7,8	20,2
Carne de aves	9,6	13,0	36,2
Leite em pó	0,6	1,5	133,3
Açúcar	9,4	14,0	49,7
Total	468,9	601,2	28,2

Fonte: USDA (2012).

Para alguns produtos importantes, apresentam-se informações mais desagregadas. Como pode ser observado na Figura 4, o consumo total de soja quase dobrou nos últimos 10 anos, tendo atingido mais de 70 milhões de toneladas em 2011. No próprio país, foram esmagadas 59,1 milhões de toneladas, e produzidas 46,5 milhões de toneladas de farelo e 11,7 milhões de toneladas de óleo. As curvas apontam uma nítida aceleração a partir de 2008, com importações tendo passado de 21,4 milhões para 56 milhões de toneladas nos últimos 10 anos.

A análise dos dados de farelo de soja e óleo de soja mostra que a China adotou uma política de importar produtos primários, como soja em grãos, para processar no país, gerando emprego e renda internamente. O esmagamento de soja em grão aumentou de 26,5 milhões para 59,1 milhões de toneladas (+122,68%), nos últimos 10 anos, tendo gerado uma oferta em 2011 de 47 milhões de toneladas de farelo e de 12 milhões de toneladas de óleo. As importa-

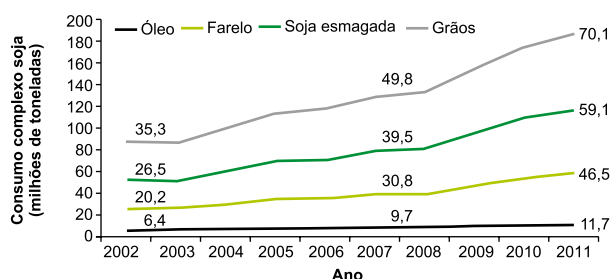


Figura 4. Consumo do complexo soja (em milhões de toneladas) na China.

Fonte: USDA (2012).

ções desses dois produtos processados foram insignificantes. O consumo doméstico de farelo de soja aumentou em 130,48%, e o de óleo em 83,75%. O consumo per capita de farelo passou de 15,7 kg hab.⁻¹ ano⁻¹ para 34,6 kg hab.⁻¹ ano⁻¹ (+119,66%), e o de óleo de soja, de 5,0 kg hab.⁻¹ ano⁻¹ para 8,7 kg hab.⁻¹ ano⁻¹ (+74,18%), no período considerado (Tabela 4).

Outro produto básico para a produção de proteína animal, principalmente carnes de frango e de suínos, é o milho. A produção interna em 2011 aumentou em 59% em relação à de 2002. Mesmo assim, apesar de a China ter ex-

portado 15 milhões de toneladas em 2002, em 2011 importou 5 milhões. O consumo total no período passou de 126 milhões de toneladas para 188 milhões. Em termos de consumo per capita, elevou-se em 42%. O milho na China é basicamente utilizado para rações animais, principalmente para suínos e aves, cuja produção aumentou significativamente (Tabela 5).

O arroz é um produto com baixa elasticidade-renda no Brasil (HOFFMANN, 2010), e na China também (GALE; HUANG, 2007). Mesmo assim, continua sendo um produto básico de consumo alimentar. Tanto a produção quanto o consumo doméstico chinês situaram-se ao redor de 140 milhões de toneladas em 2011, o que demonstra a autossuficiência da China também na produção de arroz, a exemplo do que acontece com o demais produtos básicos. O alto consumo per capita chinês foi superior a 100 kg hab.⁻¹ ano⁻¹, muito superior ao da Índia (79 kg hab.⁻¹ ano⁻¹), por exemplo, onde o produto também é base da alimentação, e a população é muito próxima à chinesa. Na União Europeia o consumo é baixo, com 6,7 kg, atrás dos Estados Unidos, com 12,9 kg. No Brasil

Tabela 4. Quadro de suprimentos do complexo soja (mil toneladas) da China.

Especificação	Soja em grão			Farelo de soja ⁽¹⁾			Óleo de soja ⁽¹⁾		
	2002	2011	Variação (%)	2002	2011	Variação (%)	2002	2011	Variação (%)
Produção	16.510	13.500	-18,2	26.540	59.100	122,6	26.540	59.100	122,6
Importação	21.417	56.000	161,4	0	150	789,4	1.712	1.200	-29,9
Estoque	2.095	14.588	594,8	0	150	789,4	210	203	-3,3
Oferta total	40.022	84.058	110,0	21.000	46.957	123,6	6.652	11.982	80,1
Exportação	265	200	-24,5	843	500	-40,6	13	60	361,5
Consumo doméstico	35.290	70.100	98,6	20.157	46.457	130,4	6.389	11.676	82,7
% de autossuficiência	46,8	19,3	-58,8	104,2	100,8	-3,2	74,0	90,6	22,3
Consumo per capita (kg hab. ⁻¹ ano ⁻¹)	27,6	52,2	89,3	15,7	34,6	119,6	5,0	8,7	74,1

⁽¹⁾ A produção refere-se à soja esmagada.

Fonte: USDA (2012).

Tabela 5. Quadro de suprimentos de milho, arroz e trigo (mil toneladas) da China.

Especificação	Milho			Arroz			Trigo		
	2002	2011	Variação (%)	2002	2011	Variação (%)	2002	2011	Variação (%)
Produção	121.300	192.780	58,9	122.180	140.700	15,1	90.290	117.400	30,0
Importação	29	5.000	17.141,3	258	1.000	287,6	418	3.000	617,7
Estoque	84.788	49.415	-41,7	79.156	42.574	-46,2	76.588	59.091	-22,8
Oferta total	206.117	247.195	19,9	201.594	184.274	-8,5	167.296	179.491	7,2
Exportação	15.244	200	-98,6	2.583	500	-80,6	1.718	1.000	-41,7
Consumo doméstico	125.900	188.000	49,3	135.700	139.000	2,4	105.200	120.500	14,5
% de autossuficiência	96,3	102,5	6,4	90	101	12,4	100,9	101,0	0,1
Consumo per capita (kg hab. ⁻¹ ano ⁻¹)	98	140	42,32	106,002	103,50	-2,3	82,19	89,72	9,1

Fonte: USDA (2012).

o consumo per capita situa-se ao redor de 40 kg por pessoa por ano

Para os níveis de renda da China, o trigo é um produto com elasticidade-renda maior. Nos últimos 10 anos, sua produção cresceu 30%, tendo atingido 117 milhões de toneladas, e o consumo per capita atingiu valor próximo de 90 kg hab.⁻¹ ano⁻¹, mais alto que o do Brasil (55,3 kg hab.⁻¹ ano⁻¹), mas menor que o dos Estados Unidos (117 kg hab.⁻¹ ano⁻¹) e da União Europeia, com expressivos 247 kg hab.⁻¹ ano⁻¹. A produção do país é autossuficiente para seu abastecimento, e as importações e exportações são quase insignificantes (Tabela 5).

As carnes têm em geral elasticidades-renda mais elevadas. À medida que aumenta a renda, as famílias destinam boa parte dela para o consumo de proteína animal. Mesmo com limitação de área para a agricultura, a produção de carne bovina aumentou 20%, de 2002 a 2011, com a produção da China situando-se em 5,55 milhões de toneladas. A importação e a exportação não são significativas, e o consumo per capita é muito baixo, pouco superior a 4 kg hab.⁻¹ ano⁻¹, principalmente quando compa-

rado ao do Brasil, com consumo per capita de 39,6 kg em 2001, sendo mais baixo ainda se comparado com o da Argentina, com impressionantes 61,3 kg (Tabela 6).

A proteína animal mais importante para os chineses é a da carne suína. A produção em 2011 foi de 49,5 milhões de toneladas, equivalente a quase a metade da produção mundial (109 milhões de toneladas em 2011), e o aumento nos últimos 10 anos foi de 38%. Tendo a China um grau de autossuficiência de 99%, suas importações somaram 758 mil toneladas em 2011. O consumo per capita foi de 37,4 kg hab.⁻¹ ano⁻¹ em 2011 (Tabela 6).

A exemplo do que acontece em outras partes do mundo e também no Brasil, a carne de frango foi a que apresentou o maior aumento de produção e consumo na China. De 2002 a 2011, seu crescimento foi de 90,6%, tendo atingido 13,2 milhões de toneladas, com um consumo per capita de apenas 9,7 kg hab.⁻¹ ano⁻¹. Tanto as exportações quanto as importações decresceram, e o grau de autossuficiência ficou próximo dos 100%. Como o Brasil está iniciando processo de exportação desse produto para a China,

Tabela 6. Quadro de suprimentos de carnes (mil toneladas) da China.

Especificação	Bovina			Suína			Frango		
	2002	2011	Variação (%)	2002	2011	Variação (%)	2002	2011	Variação (%)
Produção	5.219	5.550	20,1	41.231	49.500	38,1	9.558	13.200	90,6
Importação	32	28	-47,3	91	758	732,1	436	238	-3,6
Oferta total	5.251	5.578	22,0	41.322	50.428	34,4	9.994	13.430	1,3
Exportação	37	55	-20,5	307	244	-6,4	438	423	-0,7
Consumo doméstico	5.214	5.523	21,9	41.015	50.004	36,3	9.556	13.015	1,4
% de autossuficiência	100,1	100,5	-1,5	100,5	99,0	1,4	100,0	101,4	-0,7
Consumo per capita (kg hab. ⁻¹ ano ⁻¹)	4,08	4,10	16,5	32,10	37,4	29,7	7,5	9,7	1,2

Fonte: USDA (2012).

cabe acompanhar o desenvolvimento do setor de produção e também a evolução do consumo. Estima-se que a China venha a ser grande importador de carne de frango no futuro, já que seu mercado consumidor é enorme (Tabela 6).

A produção chinesa de algodão aumentou 33%, de 2002 a 2011, situando-se em 7,3 milhões de toneladas. Mesmo com esse crescimento na produção, as importações superaram os 5 milhões de toneladas neste último ano, em virtude da estratégia da China de desenvolver indústrias de intensiva mão de obra, como a fabricação de roupas – diminuiu o grau de autossuficiência para 81,7%. Mesmo que a produção cresça nos próximos anos, com o auxílio de novos transgênicos, as importações deverão permanecer em níveis elevados (Tabela 7).

A produção de açúcar cresceu 35%, para 11,2 milhões de toneladas, mas as importações aumentaram em 56%, com 2,1 milhões de toneladas em 2011. Assim, o consumo doméstico atingiu 14 milhões de toneladas, com um consumo per capita de 10,4 kg hab.⁻¹ ano⁻¹. Além de utilizado in natura nas famílias, é um produto demandado pela indústria de doces e refrigerantes. O consumo per capita aumentou quase 50%

em 10 anos, indicando também ter elasticidade-renda elevada (Tabela 7).

Um produto com evolução surpreendente foi o leite em pó. Sua produção aumentou 91%, para 1,1 milhão de toneladas em 2011. O aumento acelerado do consumo per capita, em 124%, obrigou o país a importar 350 mil toneladas do produto. O consumo per capita ainda continua baixo, de 1,1 kg hab.⁻¹ ano⁻¹. As perspectivas de importação continuam elevadas para os próximos anos, o que pode se tornar oportunidade para os produtores do Brasil. Para tanto, há entraves a serem superados em competitividade, em eficiência produtiva e em aspectos sanitários.

Exportações agrícolas brasileiras e sua participação no mercado mundial e chinês

Pauta exportadora agrícola brasileira e sua participação no mercado mundial

Crescimento tem sido uma palavra constante para descrever o desempenho do Brasil no mercado internacional na última década. Ao ana-

Tabela 7. Quadro de suprimentos de algodão, açúcar e leite em pó (mil toneladas) da China.

Especificação	Algodão			Açúcar			Leite em pó		
	2002	2011	Variação (%)	2002	2011	Variação (%)	2002	2011	Variação (%)
Produção	5.487	7.294	32,94	8.305	11.199	34,85	577	1.100	90,64
Importação	681	5.062	643,52	1.375	2.143	55,85	77	350	354,55
Estoque	4.104	2.526	-38,44	1.004	2.355	134,56	-	-	-
Oferta total	10.272	14.883	44,89	10.684	15.697	46,92	654	1.530	-
Exportação	164	5	-96,67	460	76	-83,48	28	9	-67,86
Consumo doméstico	6.304	8.927	41,62	9.355	14.000	49,65	626	1.471	134,98
% de autossuficiência	87,0	81,7	-6,13	88,8	80,0	-9,89	92,2	74,8	-18,87
Consumo per capita (kg hab. ⁻¹ ano ⁻¹)	4,92	6,61	34,98	7,31	10,42	42,63	0,49	1,10	123,96

Fonte: USDA (2012).

lisarem-se as estatísticas brasileiras nos últimos cinco anos, observa-se que suas exportações totais cresceram 47%, enquanto o crescimento das exportações mundiais totais foi de 16,4% (TRADE MAP, 2012), conforme se observa na Tabela 8.

Tal fato merece destaque, pois ocorreu num cenário de crise internacional, somado às demais dificuldades enfrentadas pelos exportadores brasileiros, o chamado custo Brasil, que abarca temas da alta carga de impostos, gargalos na infraestrutura de transportes e custos portuários altos, entre outros. Além disso, a questão cambial, cuja taxa de câmbio foi apreciada em vários períodos (o que diminui a competitividade lá fora e encarece os insumos aqui dentro) tem sido um fator complicador adicional para os exportadores.

O mesmo movimento, porém mais intenso, ocorreu com as exportações brasileiras agrícolas, que cresceram 68%, de 2007 a 2011, enquanto as mundiais aumentaram 34%. Isso elevou a participação brasileira de 4,6% para 5,9% do mercado mundial. Nesse mesmo pe-

ríodo, cresceu também a participação da pauta agrícola no total exportado pelo Brasil, de 28% para 32%. Cabe ressaltar que o conceito de produtos agrícolas utilizado para fins de estatísticas internacionais foi o da Organização Mundial do Comércio acrescido de pescados (capítulo 3 do Sistema Harmonizado⁴).

É importante ressaltar que, nos últimos anos, observou-se um esforço do setor privado exportador e do governo brasileiro em ampliar a desconcentração da pauta exportadora, tanto em produtos quanto em mercados, por meio da ampliação de acordos comerciais e missões de prospecção e divulgação de produtos brasileiros no exterior.

Os efeitos desse esforço podem ser observados quando se analisam os destinos das exportações brasileiras agrícolas nos últimos dez anos. Observa-se que nesse período, embora os cinco principais importadores de produtos agrícolas brasileiros – União Europeia, China, Rússia, Estados Unidos e Japão – tenham permanecido

⁴ Sistema Harmonizado (sigla em inglês: HS) é um sistema de códigos internacional utilizado nas transações comerciais e está sob administração da OMA (Organização Mundial de Aduanas). HS-2 se refere aos capítulos de bens (exemplo: capítulo 02 – carnes); HS-4 se refere aos grandes grupos de produtos (exemplo: 0203 – carne suína); e até o HS-6 (exemplo: 020230 – carne bovina congelada), as descrições são iguais para todos os países. Linha tarifária (HS-8) refere-se a um produto específico de acordo com o sistema harmonizado (HS). Os países podem ainda “abrir” em mais dígitos (sempre números pares) para abarcar especificidades necessárias.

Tabela 8. Participação das exportações brasileiras de bens agrícolas e não agrícolas nas exportações mundiais de 2007 a 2011 (valores constantes em bilhões de dólares⁽¹⁾).

	Valores em US\$ bilhões					Variação 2007–2011 (%)
	2007	2008	2009	2010	2011	
Exportações mundiais totais	13.111	14.583	11.283	13.536	15.262	16,4
Exportações brasileiras totais	151	180	139	177	222	46,9
<i>Market share</i> do Brasil nas exportações mundiais totais (%)	1,2	1,2	1,2	1,3	1,5	26,2
Exportações mundiais agrícolas	909	1.054	946	1.049	1.194	31,4
Exportações brasileiras agrícolas	42	53	50	57	71	68,1
<i>Market share</i> do Brasil nas exportações mundiais agrícolas (%)	4,6	5,0	5,3	5,4	5,9	27,9
Exportações mundiais de bens não agrícolas	12.202	13.529	10.336	12.487	14.068	15,3
Exportações brasileiras de bens não agrícolas	109	127	89	120	151	38,7
<i>Market share</i> do Brasil nas exportações mundiais de bens não agrícolas (%)	0,9	0,9	0,9	1,0	1,1	20,3

⁽¹⁾ Valores constantes de 2005 – IPC-EUA.

Fonte: Trade Map (2012).

os mesmos, sua colocação no ranking se modificou, e esse grupo de países, que absorvia 68% das exportações brasileiras em 2002, respondeu por 57% em 2011 (Tabela 9).

As exportações para a União Europeia cresceram 112% no período, e ela permaneceu o principal destino em 2011, mas nesse ano absorveu apenas 24% das exportações brasileiras contra 42% em 2002, o que foi positivo quanto a diminuir a vulnerabilidade da dependência de um só mercado. Já a China, que aparecia em 4º lugar em 2002 se considerada isoladamente, mas em 2º quando se agregam os dados de Hong Kong, aumentou sua participação de 6,1% (7,5% com Hong Kong – H.K.) para 18,4% (ou 19% com H.K.). Isso foi possível graças ao exponencial aumento de mais de 1.000% das exportações brasileiras para aquele mercado (Tabela 9).

No entanto, o mesmo não pode ser observado em relação à desconcentração da pau-

ta de produtos. De 2007 a 2011, as exportações mundiais agrícolas passaram de 909 bilhões de dólares para 1,2 trilhão, e a participação do Brasil aumentou de 4,6% para 5,9% no mesmo período. Mas quando são analisados os 14 principais produtos (HS-4) da pauta exportadora brasileira, essa participação no mercado mundial passa de 19% para 22% em 2011. Pela ótica do peso na pauta exportadora, isso também é observado, já que esses produtos foram responsáveis por 85% do total exportado em 2007 e por 88% em 2011 (Tabela 10).

Isso demonstra que, embora o Brasil tenha um *market share* agrícola em torno de 6%, quando analisados apenas os produtos mais importantes em sua pauta, fica clara sua alta competitividade em mercados como o de soja e o de carne de frango. O Brasil é responsável por 32% das exportações mundiais; 38% das do açúcar; 56% das do suco de laranja, por exemplo. (Figura 5).

Tabela 9. Principais destinos das exportações agrícolas brasileiras de 2002 a 2011 (valores em bilhões de dólares⁽¹⁾).

Países selecionados	2002	País/A ⁽²⁾ (%)	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	País/A ⁽²⁾ (%)	Varição
													2007– 2011 (%)
União Europeia – 27	7,8	41,9	9,6	11,3	11,5	11,7	15,2	17,1	14,3	14,2	16,6	23,9	113
China	1,1	6,1	1,8	2,4	2,4	2,7	3,4	6,1	6,8	8,4	12,7	18,4	1.021
Rússia	1,3	7	1,5	1,6	2,7	3	3,2	3,8	2,5	3,6	3,5	5	167
Estados Unidos	1,4	7,4	1,8	2	2,1	3,1	2,9	3,1	2,4	2,7	3,8	5,6	180
Japão	0,8	4,5	0,9	1,2	1,4	1,1	1,4	1,9	1,5	1,9	2,8	4	231
Hong Kong	0,3	1,4	0,4	0,4	0,4	0,5	0,9	1,2	1,4	1,2	0,4	0,6	76
Total dos países selecionados	12,7	68,3	15,9	18,9	20,4	22,2	26,9	33,2	28,8	32	39,8	57,5	213
Exportações totais (A)⁽³⁾	18,6	100	23,1	29,3	32,2	35,8	42,3	52,9	49,9	57,1	69,1	100	272

⁽¹⁾ Valores constantes de 2005 – IPC-EUA.

⁽²⁾ Participação percentual de determinado país, destino das exportações brasileiras.

⁽³⁾ Exportações totais agrícolas brasileiras.

Fonte: Brasil (2012).

Tabela 10. Participação dos 14 principais produtos da pauta agrícola brasileira no mercado mundial em 2007 e em 2011 (valores constantes em bilhões de dólares⁽¹⁾).

Descrição	2007			2011		
	Mundo	Brasil	%	Total	Brasil	%
Produtos selecionados (14 produtos HS-4)	189,6	35,8	18,9	283,1	62,4	22,1
Bens agrícolas	908,7	42,2	4,6	1.194,1	70,9	5,9
% dos produtos selecionados sobre o total de bens agrícolas	21	85		24	88	

⁽¹⁾ Valores constantes de 2005 – IPC-EUA.

Fonte: Trade Map (2012).

Importações chinesas totais e agrícolas

A reforma e abertura da China e sua ativa participação na economia globalizada fez do país uma das economias com maior índice de crescimento ao longo da última década. Desde a adesão da China à OMC (Organização Mundial

do Comércio) em 2001, a China e outros países em desenvolvimento, como o Brasil, tornaram-se uma importante força propulsora da economia global.

O desenvolvimento do comércio internacional da China, nos últimos anos, acelerou a modernização de sua economia e melhorou o

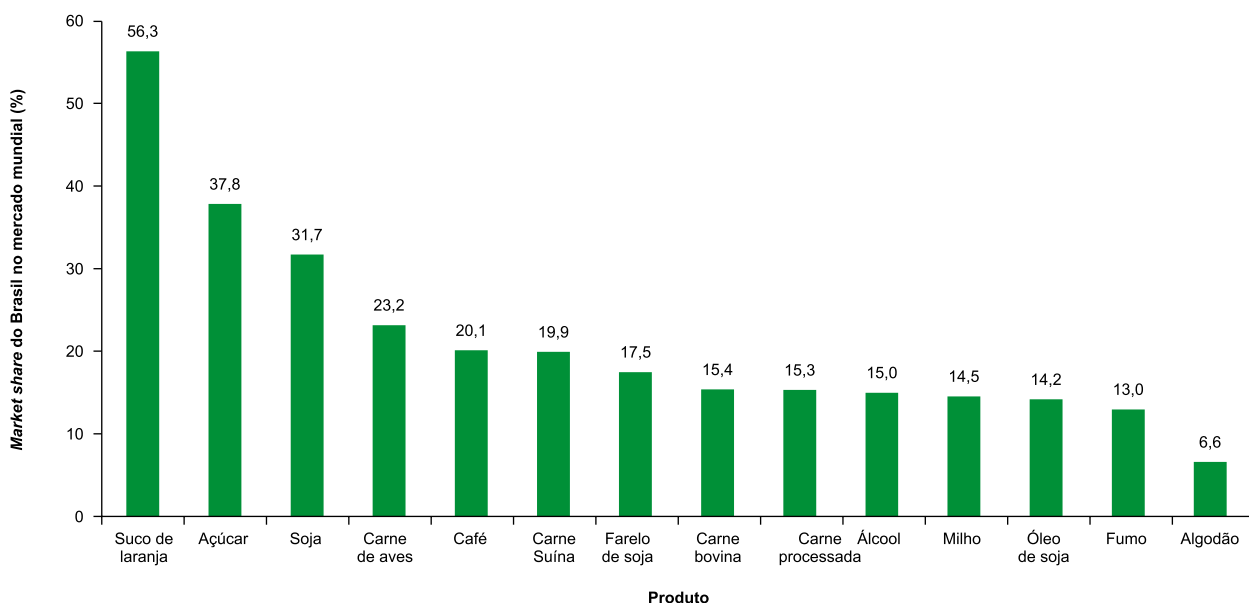


Figura 5. Participação brasileira no mercado mundial para os 14 principais produtos da pauta exportadora agrícola do Brasil (média do período de 2007 a 2011, em %).

Nota: os dados referem-se à carne bovina congelada. Quando computados os dados de carne bovina fresca, a participação cai para 11,8%.

Fonte: Trade Map (2012).

padrão de vida de seus mais de 1,3 bilhão de habitantes, além de ter contribuído para a integração da China na economia mundial (OMC, 2012). De 2005 a 2011, as taxas de crescimento médio anual das exportações e importações chinesas foram 16% e 18% respectivamente, bem maiores que os 10% e 9% anuais das exportações e importações mundiais, respectivamente, no mesmo período.

Em resposta às fortes pressões internacionais para que equilibrasse sua balança comercial em termos de importações e exportações, o governo chinês tem buscado mecanismos de expansão de sua demanda interna, o que é positivo para a economia mundial, além de fator essencial também para a continuidade de um crescimento sustentado da economia chinesa. Essas medidas já podem ser observadas pelo fato de as taxas de crescimento das importações terem sido maiores que aquelas das exportações nos anos recentes. Isso tem provocado uma queda no superávit de sua balança comercial, que, após ter atingido o

pico de 298 bilhões de dólares em 2008, passou a 155 bilhões em 2011.

Quanto a isso, observa-se o crescimento das importações chinesas totais de 68% de 2007 a 2011 e de 111% nas importações agrícolas para o mesmo período. No entanto, estas ainda são muito pequenas se comparadas com as importações de bens não agrícolas na China, embora tenham crescido nos últimos 5 anos (Tabela 11). Em 2007 as importações de bens agrícolas representavam 4,2% do total, tendo passado para 5,4% em 2011, e, quando considerado o aumento da demanda por alimentos, impulsionado pelo aumento da renda e mudanças nos hábitos alimentares chineses nos anos recentes, infere-se a existência de um grande potencial de crescimento das importações chinesas de alimentos nos próximos anos. A acelerada urbanização de 8% a.a. observada de 2001 a 2010 (THE WORLD BANK, 2012) trouxe para as cidades um contingente de mais de 100 milhões de pessoas no período.

Ao analisarem-se o volume importado de bens agrícolas e os principais fornecedores ao

Tabela 11. Importações chinesas de bens agrícolas e não agrícolas, de 2007 a 2011 (valores em bilhões de dólares⁽¹⁾).

	Valores em US\$ bilhões					Variação 2007– 2011 (%)
	2007	2008	2009	2010	2011	
Importações chinesas totais	901	1.027	915	1.250	1.514	68,1
Importações chinesas de bens agrícolas	38	52	47	64	81	110,9
Importações chinesas de bens não agrícolas	862	975	868	1.187	1.433	66,2
Participação das importações de bens agrícolas sobre o total (%)	4,2	5,1	5,1	5,1	5,4	

⁽¹⁾ Valores constantes de 2005 – IPC-EUA.

Fonte: Trade Map (2012).

mercado chinês nos últimos 10 anos, observa-se que em 2002 os 11 bilhões de dólares importados foram supridos por 5 principais fornecedores: Estados Unidos, Brasil, Argentina, Malásia e União Europeia, que responderam por 53% desse total. Em 2011 as importações chinesas de US\$ 67 bilhões (5 vezes maiores que em 2002) tiveram os mesmos países como principais fornecedores, mas a concentração aumentou: responderam por 64% em 2011 (Tabela 12).

No período analisado, o *market share* do principal fornecedor, Estados Unidos, aumentou de 21% para 24,6%, mas crescimento maior foi observado para o Brasil, o segundo principal, que passou de 11% para 19,5%. Argentina, Malásia e União Europeia, considerados em conjunto, obtiveram um valor praticamente estável. Ressalta-se que Hong Kong está colocado nas análises chinesas pelo alto grau de integração dos dois mercados – muitas importações desti-

Tabela 12. Principais fornecedores de produtos agrícolas ao mercado chinês de 2002 a 2011 (valores em bilhões de dólares⁽¹⁾).

Exportador	2002	% do país	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	% do país
Estados Unidos	2,4	21	4	5,4	4,5	4,2	6,2	10,6	11,3	14	16,5	24,6
Brasil	1,2	11,1	2,2	2,9	2,9	3,6	4,5	7,9	7,6	9,4	13	19,5
Argentina	1	8,6	2,4	2,8	3	2,3	4,9	7,6	3,1	5,1	4,6	6,9
Malásia	0,8	7	1,2	1,5	1,3	1,7	2,8	3,7	2,7	3,1	4,4	6,5
União Europeia – 27	0,6	5,1	0,8	0,8	1,2	1,2	1,7	2,2	2	2,8	3,9	5,9
Hong Kong	0	0,3	0	0	0	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2
Importações totais	11,2	100	16,5	22,5	22,2	22,9	31,3	45,7	42,1	54,6	66,9	100

⁽¹⁾ Valores constantes de 2005 – IPC-EUA.

Fonte: Trade Map (2012).

nadas à China – carnes, por exemplo – entram por meio de Hong Kong. (Tabela 12).

Estrutura tarifária da China e acordos preferenciais com terceiros países

Em 2001 a China se tornou membro da OMC e, para isso, teve de aderir ao conjunto de normas que regem essa organização. Como consequência, consolidou 100% de suas tarifas, com média tarifária geral de 9,9%, e para os produtos agrícolas essa média sobe para 14,6%. As tarifas consolidadas⁵ variam de zero a 65% para produtos agrícolas e de zero a 50% para produtos não agrícolas (Tabela 13).

Ainda com relação aos produtos agrícolas, para 0,6% do total das linhas tarifárias (ou 45 linhas) foram concedidas quotas tarifárias, e nesse segmento encontram-se vários produtos de interesse do Brasil, como açúcar, algodão, arroz e milho. Os picos tarifários (tarifas supe-

riores a 15%) ocorrem justamente para as tarifas agrícolas, tanto dos produtos aos quais foram concedidas quotas, quanto daqueles com tarifas específicas, como a carne de frango, com equivalente *ad valorem* ao redor de 20% (Tabela 14).

De acordo com sua Revisão de Política Comercial (OMC, 2012), a China não possui acordos de livre comércio relevantes, estando a maioria deles na Ásia: APTA (Coreia, Sri Lanka, Bangladesh, Índia e Laos); ASEAN (Brunei, Camboja, Indonésia, Laos, Malásia, Myanmar, Filipinas, Cingapura, Tailândia e Vietnã); Hong Kong, Macau e Formosa; Paquistão; e Nova Zelândia. Faz-se exceção apenas para o Chile, Peru e Costa Rica na América Latina.

Evolução das exportações brasileiras para a China

Nos últimos dez anos, o comércio total entre China e Brasil cresceu a taxas elevadas. As

Tabela 13. Estrutura tarifária da China.

Estrutura tarifária	Tarifa MFN (nação mais favorecida) (%)			Tarifa consolidada (%)
	2007	2009	2011	
Linhas tarifárias consolidadas (% do total de linhas)	100	100	100	100
Tarifa média	9,7	9,5	9,5	9,9
Bens agrícolas (HS 1-24)	14,5	14,5	14,5	14,6
Bens industriais (HS 25-97)	8,9	8,6	8,6	9
Bens agrícolas (conceito OMC)	15,2	15,2	15,1	15,3
Bens não agrícolas (conceito OMC)	8,8	8,6	8,6	9
Tarifa zero (% de todas as linhas tarifárias)	8,7	9,4	9,4	7,5
Quotas tarifárias (% de todas as linhas tarifárias)	0,6	0,6	0,6	0,6
Tarifas não <i>ad valorem</i> (% de todas as linhas tarifárias)	0,7	0,7	0,7	0
Picos tarifários – tarifas > 15% (% do total de linhas)	15,6	14,9	14,8	15,7

Fonte: OMC (2012).

⁵ Tarifa consolidada é uma tarifa fixada como limite máximo ou teto tarifário dentro de uma negociação comercial, de maneira que a tarifa aplicada não possa ultrapassá-la. Para se tornar membro da OMC, o país deve consolidar suas tarifas e poderá alterá-las apenas para baixá-las. Se quiser aumentá-las deverá negociar com seus fornecedores e garantir um fluxo de comércio preexistente, com base em normas da OMC.

Tabela 14. Tarifas aplicadas pela China aos principais produtos da pauta exportadora brasileira.

Descrição	Tarifa MFN ⁽¹⁾	Quota tarifária (t)	Tarifa intraquota/EAV ⁽²⁾ (%)
Carne de frango (inteiro)	1,3 yuan/kg		
Cortes de frango congelados, com osso	0,6 yuan/kg		
Cortes de frango congelados, não especificados	1,0 yuan/kg		
Asas de frango congeladas	0,8 yuan/kg	N/A ⁽³⁾	19,6 (em 2009)
Garras de frango frescas, refrigeradas ou congeladas	0,5 yuan/kg		
Miudezas de frango congeladas, não especificadas	0,5 yuan/kg		
Milho	65%	7.200.000	1
Açúcar (bruto e refinado)	50%	1.945.000	15
Algodão	40%	894.000	1
Café	8%		
Farelo de soja	5%		
Carne bovina fresca e congelada	12%		
Fumo	10%		
Óleo de soja	9%		
Álcool	40%	N/A	N/A
Carne processada	12%		
Carne suína	12%		
Suco de laranja	7,5%		
Soja	3%		

⁽¹⁾ MFN: a tradução do termo é “nação mais favorecida”, jargão utilizado pela OMC para tarifas aplicadas a todos os países que não possuam acordos específicos; ⁽²⁾ EAV: “equivalente *ad valorem*”, valor percentual da tarifa específica, calculado com base em dados de comércio de um determinado ano; ⁽³⁾ N/A: “não se aplica”.

Fonte: OMC (2012).

exportações brasileiras para aquele país passaram de US\$ 2,7 bilhões em 2002 para US\$ 38,5 bilhões em 2012, um aumento de 14 vezes. Já as exportações chinesas para o Brasil cresceram de US\$ 1,7 bilhão para US\$ 28,5 bilhões, representando um aumento de 16,7 vezes, para o mesmo período. Em 2011, a corrente de comércio (exportações + importações) representou US\$ 66,9 bilhões. Apenas em dois anos, o saldo comercial foi positivo para a China, mas em 2011 o saldo foi positivo em US\$ 10,0 bilhões para o Brasil (Tabela 15).

Em 2002 a China ocupava o 4º lugar no ranking de principais destinos das exportações brasileiras agrícolas, e dos 2,7 bilhões de dólares exportados aos chineses naquele ano, 41,5% foram de produtos agrícolas. Mas nos últimos 10 anos, como as exportações totais para a China cresceram mais que as agrícolas (14 e 10 vezes respectivamente), a participação destas no total exportado caiu de 41,5% para 33% em 2011.

Ao analisar-se a pauta importadora agrícola chinesa, considerando-se os quadros de

Tabela 15. Corrente de comércio entre Brasil e China de 2002 a 2011 (em bilhões de dólares FOB⁽¹⁾).

Ano	Exportação	Importação	Saldo	Corrente de comércio
2002	2,7	1,7	1,1	4,4
2003	4,8	2,3	2,5	7,1
2004	5,6	3,8	1,8	9,5
2005	6,8	5,4	1,5	12,2
2006	8,1	7,7	0,4	15,9
2007	10,1	11,9	-1,8	22,0
2008	15,0	18,2	-3,2	33,2
2009	19,1	14,5	4,6	33,6
2010	27,6	22,9	4,6	50,5
2011	38,5	28,5	10,0	66,9

⁽¹⁾ Valores constantes de 2005 – IPC-EUA; FOB: *free on board*.

Fonte: Brasil (2012).

suprimentos para as principais commodities, observa-se que a China é autossuficiente na produção da maioria delas, como milho, arroz, trigo e carnes, e não produz o necessário para seu consumo apenas para algodão, açúcar e soja. Desses três, o açúcar e o algodão apresentam autossuficiência alta, ao redor de 80% em 2011, e apenas para a soja, a situação é mais crítica, com suprimento interno ao redor de 20%, fator determinante da concentração da pauta importadora da China nesse produto (Tabelas 4, 5 e 7).

Os 15 principais produtos importados pela China de 2007 a 2011 representaram 74,3% do total, apontando uma alta concentração em apenas cinco produtos. A soja respondeu por 34%; óleo de palma, 7,8%; algodão, 7,6%; pescados, 4,8%; e óleo de soja, 3,2% (Tabela 16).

Tabela 16. Importações chinesas mundiais para os principais produtos da pauta importadora agrícola da China (em bilhões de dólares⁽¹⁾) e *market share* (%) do Brasil (média do período de 2007 a 2011).

HS4	Descrição	Importações mundiais	% sobre o total importado	% correspondente ao valor importado do Brasil
1201	Soja	19.196	33,9	35,7
1511	Óleo de palma	4.403	7,8	0
5201	Algodão	4.330	7,6	3
303	Pescado congelado	2.710	4,8	0,02
1507	Óleo de soja	1.790	3,2	35,1
5101	Lã	1.754	3,1	0
2301	Farinha de carne/peixe	1.329	2,3	0
4101	Couros e peles	1.322	2,3	0,002
207	Carne de frango	835	1,5	29,6
714	Raízes de mandioca	815	1,4	0
402	Leite em pó	778	1,4	0
	Selecionados	39.305	69,3	19,99
	Demais produtos	17.372	30,7	
	Total	56.677	100,0	

⁽¹⁾ Valores constantes de 2005 – IPC-EUA.

Fonte: Trade Map (2012).

Ademais, ressalte-se que as importações chinesas agrícolas da ordem de US\$ 57 bilhões são pequenas se comparadas às importações totais. Desse total, o Brasil respondeu por 14,5% das importações chinesas, mas quando analisados apenas os 14 principais produtos da pauta brasileira, essa participação subiu para 20%. Assim, o total agrícola exportado pelo Brasil para a China saltou de 1,14 bilhão de dólares em 2002 para 12,7 bilhões em 2011, o que faz do mercado chinês o segundo mais importante na pauta exportadora agrícola brasileira, ressaltando que o primeiro é o bloco da União Europeia.

Da mesma maneira que a pauta importadora da China é concentrada em poucos produtos, ao analisar-se a evolução das exportações agrícolas brasileiras para a China, percebe-se também uma alta concentração (Tabela 17). Se forem considerados os países isoladamente, a China é o principal destino das exportações brasileiras agrícolas desde 2007, e a soja em grão é de longe o principal produto exportado para esse país, com 79% em 2002 e 75% em 2011. Ao acrescentar-se o valor do óleo, o complexo soja (nesse caso considerados apenas grão e óleo, pois o valor do farelo foi praticamente

Tabela 17. Evolução das exportações agrícolas brasileiras para a China de 2002 a 2011 (valores em milhões de dólares⁽¹⁾).

NCM	Descrição	2002	%	2005	2008	2011	%	Média para 2007–2011	%
12010090	Outros grãos de soja, mesmo triturados	896	79	1.717	4.829	9.513	75	6.426	78,4
15071000	Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	127	11	144	747	660	5	477	5,8
17011100	Açúcar de cana, em bruto	72	6	247	333	326	3	417	5,1
24012030	Fumo não manuf. total/parc. destalado em folhas secas, etc.	-	-	-	20	1.005	8	295	3,6
52010020	Algodão simplesmente debulhado	3	0	63	29	492	4	216	2,6
2071400	Pedaços e miudezas comestíveis de galos/galinhas, congelados	5	0	78	1	367	3	162	2,0
20091100	Sucos de laranjas, congelados, não fermentados	8	1	37	51	99	1	68	0,8
17019900	Outros açúcares de cana, beterraba, sacarose	5	0	25	5	3	0	20	0,2
15200010	Glicerina em bruto	1	0	0	0	52	0	16	0,2
23080000	Matérias vegetais e desperdício de outros vegetais	-	-	-	5	31	0	13	0,2
	Total dos produtos selecionados	1.118	98	2.311	6.021	12.548	99	8.109	99,00
	Total agrícola	1.136	100	2.384	6.073	12.694	100	8.194	100,00

⁽¹⁾ Valores constantes de 2005 – IPC-EUA.

Fonte: Brasil (2012).

zero) respondeu por 90% e 80% em 2002 e em 2011, respectivamente (Tabela 17).

A pauta da soja com a China está concentrada nos dois sentidos: a China é o maior importador de soja do Brasil (56% de nossa soja no período 2009–2011), e a soja é o principal produto da pauta com aquele país (75% em 2011). Ademais, o Brasil é o segundo maior fornecedor para a China, com um *market share* de 35,7% (média de 2007–2011), atrás apenas dos Estados Unidos.

Apenas 10 linhas tarifárias (HS-8) foram responsáveis por 98% e 99% das exportações agrícolas brasileiras para a China, respectivamente, para 2002 e 2011. Além do complexo soja, aparece também o açúcar, com 11% e 5%. Já o fumo, o algodão e a carne de frango tiveram exportações apenas em 2011 com 8%, 4% e 3%, respectivamente. A carne de frango merece destaque, pois até 2005 o Brasil não estava habilitado (acordo sanitário) a exportar carne de aves para a China. Essa abertura de mercado foi possível depois de anos de negociações entre o Ministério da Agricultura do Brasil e as autoridades chinesas, e também em virtude da gripe aviária, que na época ameaçava o abastecimento de carne de aves daquele país. Embora a tarifa para esse produto seja considerada alta, com equivalente *ad valorem* ao redor de 20%, ainda assim foi possível acessar esse mercado.

No que se refere ao açúcar, embora a tarifa seja de 50%, a China oferece uma quota de 1.945.000 toneladas com tarifa intraquota de 15%, o que possibilitou a exportação. Já a tarifa enfrentada pelo fumo, de 10%, não é considerada muito alta, e com relação ao algodão, embora a alíquota de 40% seja proibitiva, a China também concede quota tarifária de 894.000 toneladas com tarifa de 1% (Tabela 14).

Ademais, na análise do mercado internacional chinês, devem ser considerados os dados de Hong Kong, já que muitas importações do continente são feitas por essa via. No caso do comércio bilateral agrícola com o Brasil, a interface com Hong Kong se dá principalmente no comércio de carnes. Observa-se, por exemplo,

que de 2007 a 2011 as importações de carne bovina do Brasil por Hong Kong foram de US\$ 149 milhões (37,5% das importações totais do produto), valor mais que três vezes superior aos US\$ 46 milhões de carne brasileira importada pela China. Com relação à carne de frango, os números são ainda mais significativos, com média de 475 milhões de dólares de importação brasileira por Hong Kong no período (*market share* de 41,3%), e as reexportações desse produto ao mercado chinês foram de 245 milhões no mesmo período. No caso da carne suína, apesar de o mercado chinês ficar fechado para o Brasil até outubro de 2012 por questões sanitárias, o produto apresentou 148 milhões de importações brasileiras para Hong Kong, ou 29,1% do total importado, e as reexportações para a China foram de 69 milhões (Tabela 18).

Há que se ressaltar que no comércio com Hong Kong, não há incidência de tarifas (*free trade*), além de haver facilidades logísticas de importações e exigências sanitárias mais flexíveis que aquelas da China continental. Entretanto, a outra Região Especial Administrativa (sigla em inglês: SAR) da China, Macau, apresentou um comércio ínfimo com o Brasil, de apenas 17,5 milhões de dólares de importação de 2007 a 2011 (0,3% de suas importações totais agrícolas), e 90% (15,8 milhões) foram das três carnes (bovina, suína e de aves).

Análise do atual *market share* brasileiro na China e potencial de crescimento para produtos selecionados

Ao cruzar-se a pauta importadora chinesa com a pauta exportadora brasileira, observa-se que para os 14 principais produtos (responsáveis por 88% das exportações brasileiras agrícolas em 2011), o *market share* no mercado chinês foi de 29,8% em média, de 2007 a 2011. Essa participação vai de zero, como o caso da carne suína, até cerca de 80%, para o suco de laranja (Tabela 19).

Ao analisarem-se os principais produtos na pauta exportadora brasileira e sua participação

Tabela 18. Importações por Hong Kong de carne bovina, suína e de frango – totais e do Brasil – e de demais produtos; e reexportações para a China no período 2007–2011 (valores em milhões de dólares⁽¹⁾).

Produto	Importações totais	Importações do Brasil	% das importações do Brasil sobre o total	Reexportações para China
Carne bovina fresca e congelada	399	149	37,3	4
Carne suína	508	148	29,1	69
Carne de frango	1.149	475	41,3	245
Carnes – total	2.054	772	37,6	318
Demais produtos	12.879	540	4,2	2.011
Total dos produtos agrícolas	14.933	1.312	8,8	2.329

⁽¹⁾ Valores constantes de 2005 – IPC-EUA.

Fonte: Trade Map (2012).

no mercado chinês, observaram-se os seguintes aspectos.

a) Complexo soja (soja em grão, farelo e óleo de soja)

Em 2002, o valor da soja (tarifa de 3%) exportado para a China foi de US\$ 896 milhões, número que foi multiplicado por 11 nos últimos 10 anos, o que fez o Brasil aumentar também seu *market share* (35,7% no período), só perdendo para os Estados Unidos, com 42,5%, e à frente da Argentina, com 19,5% (Tabela 19). Dados do USDA (2012) apontam para uma tendência de aumento de consumo nos próximos anos, puxado pela queda na produção chinesa, pois produtores locais estão optando por produtos mais rentáveis. Associado a isso, a produção de rações animais continua a ser um fator chave na importação de soja em grão, setor esse que tem apresentado grande crescimento, impulsionado pelo crescimento da produção em larga escala de suínos e aves. *Market share* semelhante, de 35,1%, foi obtido pelo óleo de soja brasileiro, mas para um volume bem menor de importação chinesa, se comparado ao grão. A tarifa para o óleo de soja é de 9%, não representando uma barreira. O principal fornecedor para a China é a Argentina, com 53,8%. Para o farelo, a participação do Brasil é zero, embora seja competitivo

no mercado internacional do produto, e a tarifa chinesa seja baixa (5%). A ínfima importação chinesa de 62 milhões de dólares foi 95% suprida pela Índia, país com o qual tem acordo de preferências tarifárias.

b) Carnes: bovina fresca, congelada e processada; suína; e de aves

O consumo de proteína animal na China cresceu cerca de 10 kg per capita (somadas as três carnes e o leite em pó) na última década, impulsionado pelo aumento da renda, mudanças de hábitos alimentares na direção de maior adesão às comidas ocidentais, alta urbanização, alimentação fora de casa, entre outros (Figura 6).

Das três carnes, a bovina é a que apresenta o menor consumo per capita na China, ao redor de 4 kg hab.⁻¹ ano⁻¹ em 2011, número muito baixo se comparado aos ocidentais (USDA, 2012). Embora a importação do produto tenha apresentado crescimento de 2007 a 2011, os subsídios governamentais que visam ao aumento da produção interna poderão inibir aumentos na importação (OCDE, 2012). O Brasil respondeu por 7% das importações de carne bovina pela China, que foram de apenas 46 milhões de dólares. A tarifa aplicada ao produto é de 12%, e, dada a alta competitividade da carne brasileira,

Tabela 19. Participação brasileira no mercado chinês para produtos selecionados, tarifa aplicada e principais fornecedores da China para o período de 2007 a 2011 (valores em milhões de dólares⁽¹⁾).

HS4	Descrição	Tarifa MFN ⁽²⁾ – China (%)	Imp. totais chinesas	Market share do Brasil (%)	Principais fornecedores ao mercado chinês (por país, em %)									
1201	Soja em grão	3	19.196	35,7	EUA	42,5	Argentina	19,5	Uruguai	1,9	Outros	0,4		
5201	Algodão	40	4.330	3,0	EUA	40,2	Índia	26,5	Austrália	7,9	Uzbequistão	8,5	Burkina Faso	3,0
1507	Óleo de soja	9	1.790	35,1	Argentina	53,8	EUA	10,9	Outros	0,2				
0207	Carne de aves	<i>ad valorem de 19,1% (2009)</i>	835	29,6	EUA	51,0	Argentina	16,4	Chile	2,5	Outros	0,5		
1701	Açúcar	50	698	28,7	Cuba	35,6	Tailândia	8,3	Coreia	14,0	Austrália	2,6	Outros	10,8
2401	Fumo	10	657	50,7	Zimbábue	18,6	Argentina	7,2	EUA	15,0	Outros	8,5		
0203	Carne suína	12	328	0,0	EUA	40,0	UE	37,7	Canadá	18,5	Outros	3,8		
1005	Milho em grão	65	173	0,0	EUA	51,5	Laos	21,3	Mianmar	13,6	UE	3,4	Peru	1,1
200911	Suco de laranja	7,5	108	79,5	Israel	14,3	EUA	4,1	Outros	2,1				
0901	Café em grão	8	65	3,7	Vietnã	52,6	EUA	15,7	UE	6,6	Indonésia	5,5	Colômbia	2,3
2304	Farelo de soja	5	62	0,0	Índia	94,6	Dinamarca	3,1	Formosa	1,8	Outros	0,5		
0202	Carne bovina fresca e congelada	12	46	7,0	Austrália	49,0	Uruguai	31,0	Nova Zelândia	9,0				
1602	Carne processada	12	4	0,1	EUA	22,2	Formosa	16,1	UE	15,8	Outros	45,8		
2207	Álcool etílico	40	2	0,1	Japão	52,6	Indonésia	15,9	EUA	7,1	Outros	24,3		
Total	Produtos selecionados		28.330	29,8										
Total	Bens agrícolas		56.677	15,1										
	Produtos selecionados/total de bens agrícolas (%)		50	0,0										

⁽¹⁾ Valores constantes de 2005 – IPC-EUA; ⁽²⁾ Nação mais favorecida.

Nota: produtos selecionados são os 14 principais produtos da pauta exportadora brasileira.

Fonte: Trade Map (2012).

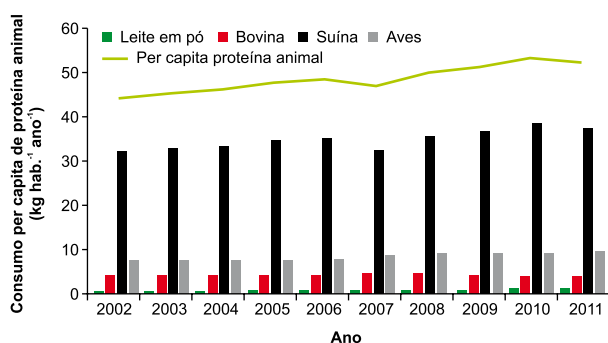


Figura 6. Evolução do consumo per capita de proteína animal na China de 2002 a 2011 (kg hab.⁻¹ ano⁻¹).

Fonte: USDA (2012).

não representa uma barreira. Há que se ressaltar ainda a existência do comércio por meio de Hong Kong, já discutido anteriormente.

Com um consumo per capita de 9,7 kg hab.⁻¹ ano⁻¹ em 2011 (USDA, 2012), a carne de frango apresentou importações de 835 milhões de dólares na média do período de 2007 a 2011, tendo o Brasil exportado 30% desse total, e os Estados Unidos, 50%. Há que se considerar nessa média que o Brasil passou a exportar o produto para a China apenas em 2009, e desde então as exportações brasileiras têm crescido ano a ano, com a crescente habilitação de novos frigoríficos. A carne de frango está sujeita à tarifa específica na China, com equivalente *ad valorem* em torno de 20%. O produto tem apresentado demanda crescente por ser uma proteína animal de mais baixo custo.

No que se refere à carne suína, no período analisado, o Brasil ainda não acessava o mercado chinês em virtude da falta de acordo sanitário, o qual vinha sendo negociado pelo Ministério da Agricultura do Brasil havia vários anos, tendo sido anunciada a abertura do mercado para o produto brasileiro em 2012. A tarifa aplicada para o produto é de 12%, não representando uma barreira às exportações. Além de a China ser o maior produtor mundial, com cerca da metade da carne suína produzida no mundo, é também o maior consumidor mundial do produto, com um crescente consumo per capita (era de 32,1 kg hab.⁻¹

ano⁻¹ em 2002 e passou para 37,3 kg hab.⁻¹ ano⁻¹ em 2011). Isso tem levado a aumentos anuais no volume importado (de 91 mil toneladas em 2002 para 550 mil em 2011), embora a produção interna também tenha crescido.

c) Açúcar e álcool

O crescente consumo de açúcar tanto para uso in natura pelas famílias, quanto para consumo da indústria (doces e refrigerantes) cresceu 50% nos últimos 10 anos na China, tendo passado de 9,3 milhões de toneladas em 2002 para 14 milhões em 2011. Mesmo com o aumento da produção interna, e uma tarifa proibitiva de 50%, as importações chinesas do produto cresceram 56% no período, totalizando 2,4 milhões de toneladas em 2011. O produto tem tarifa de 50%, muito alta, mas se beneficia de uma quota tarifária de 1.945.000 toneladas com tarifa de 15%, e teve como principais fornecedores, de 2007 a 2011, Cuba e Brasil, tendo as exportações brasileiras passado de apenas 50 mil toneladas em 2007 para cerca de 2 milhões em 2011. O descolamento do preço interno do internacional também contribuiu para o aumento da importação, tornando viável a importação de produtos até fora da quota, embora o governo chinês possa aumentar o volume da quota conforme sua necessidade.

As importações de álcool chinesas foram ínfimas, de 2 milhões de dólares em média de 2007 a 2011, e 52% vieram do Japão. O produto apresenta uma tarifa muito alta, de 40%, e não existe quota para ele. A barreira nesse caso é tarifária.

d) Algodão

As importações chinesas de algodão no período analisado foram responsáveis por 8% do total agrícola importado pela China. Os Estados Unidos, o mais importante fornecedor do produto, foram responsáveis por 40% do valor importado pela China. O Brasil aparece com apenas 3% do valor importado pela China. A tarifa para o produto é de 40%, proibitiva, mas existe uma quota tarifária de 894.000 t com tarifa de 1%, que possibilita a entrada do produto no mercado chinês.

e) Suco de laranja

Dada a alta participação brasileira do suco de laranja no mercado chinês, favorecida pela tarifa de 7,5% e pela praticamente ausência de grandes competidores, aumentos no consumo chinês do produto muito provavelmente provocarão aumentos nas importações do produto brasileiro.

f) Fumo

De 2007 a 2011, o mercado de fumo da China foi suprido em 50% pelo Brasil, e seu principal competidor foi Zimbábue (19%). Esse país tem tarifa preferencial no mercado chinês, concedida no âmbito dos LDCs (sigla em inglês para países de menor desenvolvimento). O terceiro lugar ficou com os Estados Unidos, com 15%. A tarifa MFN para fumo na China é de 10%, está abaixo da média tarifária agrícola do país (15%) e não deverá representar uma importante barreira às importações brasileiras, caso haja aumento de consumo.

g) Café

O mercado importador de café da China é ainda muito restrito e importou 65 milhões de dólares em média de 2007 a 2011, tendo a participação do Brasil sido de apenas 4%. O principal fornecedor é o Vietnã, com o qual a China tem acordo de preferências tarifárias, mas de qualquer maneira a tarifa de 8% aplicada pela China não representa uma forte barreira ao comércio. Mudanças no hábito de consumo chinês tendem a aumentar a demanda pelo produto no futuro.

h) Milho

Quanto às importações de milho da China, de 173 milhões de dólares no período analisado, 40% foram supridas pelos Estados Unidos, e 38% pela União Europeia, e estão sujeitas a uma quota tarifária de 7,2 milhões de toneladas com intraquota de 1% (a extraquota é de 65%). Existe a tendência de demanda crescente para esse produto, puxada pelo crescimento da produção industrial e de carnes. A participação do Brasil nesse mercado foi muito pequena no período, com exportações médias de 2,5 milhões de dólares no período. No entanto, Brasil e Ar-

gentina podem se beneficiar desse mercado se acordarem a regulamentação da exportação de organismos geneticamente modificados (OGMs).

Considerações finais

A China é um gigante também na agricultura e tem conseguido, ao longo dos últimos anos, alimentar sua população, mantendo um alto grau de autossuficiência em sua produção. Atingiu recentemente o posto de maior produtor mundial de grãos, à frente dos Estados Unidos, além de ser o maior produtor de carne suína, com metade da produção mundial, o segundo de carne de frango e o quarto na produção de carne bovina. Nos últimos anos vem incrementando seu apoio interno à agricultura e incentivando a produção de proteína animal, com forte pressão sobre o mercado mundial de soja e, mais recentemente, de milho.

No entanto, questões como a dificuldade em aumentar a área de produção, associadas à falta de água em algumas regiões e ao crescente êxodo rural, tem feito que a China busque fora de seu território a sua segurança alimentar. Isso tem sido feito tanto pela via das importações, quanto pela compra de terras no exterior.

Alimentar uma população de aproximadamente 1,4 bilhão de pessoas, que, com o aumento de renda, vem se tornando mais exigente em suas escolhas, não é tarefa fácil e exigirá cada vez mais um planejamento estratégico de seus governantes na escolha das melhores opções que possam garantir seu abastecimento. O Brasil não pode ficar longe desse grande e importante parceiro comercial. Assim, necessário se torna o estabelecimento de uma estratégia brasileira de curto, médio e longo prazos quanto ao comércio para usufruir dessa oportunidade ímpar para a agricultura brasileira.

Além do aumento da população e da renda, outros fatores vêm mudando a demanda por produtos agrícolas na China. Recente estudo conduzido pela Academia Chinesa de Ciências demonstrou que a dieta em geral na China está incorporando

comidas ocidentais ao cardápio, em virtude do crescimento econômico, urbanização e liberalização de mercado. Hábitos como consumir leite, pão e café no café da manhã foram observados em grandes centros de Beijing, Nanjing e Chengdu, e apresentam tendência de crescimento importante nos próximos anos, o que refletirá na importação de alimentos que hoje tem um peso muito pequeno na pauta importadora da China.

Outro fator relevante que tem contribuído para a mudança dos hábitos alimentares refere-se à inclusão digital, seja pelo acesso à informação sobre novos e diversos produtos, seja pela disponibilização de um novo canal de distribuição, com uma plataforma para venda direta de fornecedores aos consumidores.

Finalmente, espera-se que os dados apresentados sobre a China e suas necessidades futuras de produtos agrícolas subsidiem as políticas públicas do governo brasileiro, particularmente as relacionadas à produção e comercialização, e que o setor privado tenha mais subsídios para suas negociações com a gigante China.

Referências

ABLER, D. **Demand growth in developing countries**. 2010. 50 p. (OECD. Food, agriculture and fisheries papers, 29). DOI: 10.1787/5km91p2xcsd4-en.

BAI, J.; SEALE, J.; LOHMAR, B.; WAHL, T. **Meat demand in urban Chinese households**. Washington, DC: United Department of Agriculture, 2012. 48 p. (Gain report).

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Secretaria de Comércio Exterior. **AliceWeb**: Sistema de Análise das Informações de Comércio exterior. Disponível em: <<http://aliceweb2.mdic.gov.br>>. Acesso em: 16 nov. 2012.

CIA. Central Intelligence Agency. **The world factbook**. Washington, DC, 2012. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>>. Acesso em: 23 ago. 2012.

GALE, F.; HUANG, K. **Demand for food quantity and quality in China**. Washington, DC: Economic Research Service, 2007. (USDA. Economic research report, 32).

Disponível em: <http://www.ers.usda.gov/media/200596/err32_1_.pdf>. Acesso em: 24 set. 2012.

HOFFMANN, R. Estimativas das elasticidades-renda de várias categorias de despesa e de consumo, especialmente alimentos, no Brasil, com base na POF de 2008-2009. **Revista de Economia Agrícola**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 49-62, jul./dez. 2010.

LONDON, G.D. What the future looks like: new film: "when China met Africa". **The Economist**, 1 nov. 2011. Disponível em: <<http://www.economist.com/blogs/prospero/2011/11/new-film-when-china-met-africa>>. Acesso em: 12 set. 2012.

OCDE. **Agricultural policy monitoring and evaluation 2012**: OECD countries. 2012. DOI: 10.1787/agr_pol-2012-en.

OMC. Organização Mundial do Comércio. **Trade policy review**: report by China. (WT/TPR/G/264). Disponível em: <www.wto.org/english/tratop_e/tpr_e/g264_e.doc>. Acesso em: 29 de set. 2012.

ONU. United Nations Department of Economic and Social Affairs. Population Division, Population Estimates and Projections Section. **World population prospects**: the 2010 revision, volume II: demographic profiles. 2010. Disponível em: <esa.un.org/wpp/Documentation/publications.htm>. Acesso em: 17 nov. 2012.

SIYU, Z. China may begin importing corn from Argentina as demand soars. **China Daily**, p. 16, may 2012. Disponível em: <http://www.chinadaily.com.cn/cndy/2012-05/30/content_15418749.htm>. Acesso em: 30 nov. 2012.

THE WORLD BANK. **Data**: indicators. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/indicator>>. Acesso em: 16 nov. 2012.

THOMAS, S. C. **China's economic development from 1860 to the present**: the roles of sovereignty and the global economy. 2006. (Forum on public policy). Disponível em: <<http://forumonpublicpolicy.com/archive07/thomas.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2012.

TRADE MAP. **Trade statistics for international business development**. Geneva: International Trade Centre, 2012. Disponível em: <<http://www.trademap.org/>>. Acesso em: 16 nov. 2012.

USDA. United States Department of Agriculture. Foreign Agricultural Service. **Foreign Agricultural Service [home page]**. Disponível em: <<http://www.fas.usda.gov/psdonline/psdQuery.aspx psdonline>>. Acesso em: 16 nov. 2012.